

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Carmem Guimarães
Luiz Felipe Pereira

Fronteiras

Produto jornalístico

Mariana
2018

Carmem Guimarães
Luiz Felipe Pereira

Fronteiras

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Hila Bernardete
Silva Rodrigues

Mariana
2018

G963f Guimarães, Carmem Aparecida Silva.
 Fronteiras [manuscrito] / Carmem Aparecida Silva Guimarães. - 2018.

 44f.: il.: color; mapas.

 Orientadora: Prof^a. Dr^a. Hila Bernardete Silva Rodrigues.

 Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de
 Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e
 Serviço Social.

 1. Emigração e imigração . 2. Haiti. 3. Belo Horizonte (MG). 4.
 Documentário (Programas de televisão). 5. Pereira, Luiz Felipe. I. Rodrigues,
 Hila Bernardete Silva. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 070

Carmem Aparecida Silva Guimarães e Luiz Felipe Pereira

Curso de Jornalismo – UFOP

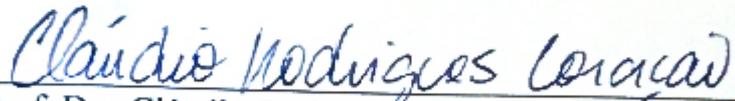
FRONTEIRAS

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do/a Profa. Dra. Hila Rodrigues.

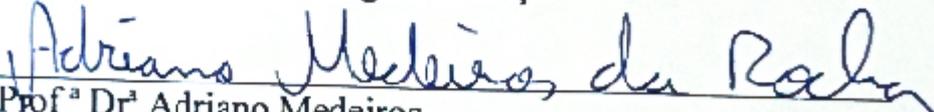
Banca Examinadora:



Profª Drª Hila Bernardete Silva Rodrigues



Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração



Profª Drª Adriano Medeiros

Mariana, 18 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Definitivamente não foi fácil chegar até aqui, foram anos de trabalho árduo. Apenas com o apoio e a confiança de pessoas muito especiais ao nosso lado, pudemos concluir esta etapa.

Agradecemos imensamente aos nossos pais Consolação, Graça, José Geraldo e Mauro pelo apoio, pelo abraço, carinho e pelo incentivo nessa trajetória.

Aos nossos irmãos, primeiros fãs e críticos mais ferozes dos nossos trabalhos, Magno, Gabriel, Flávia, Cássia, Cleonice, John e Talita.

Aos nossos velhos amigos Carol, Jairo, Gabi, Danúzia, Mari, Nelson, Rê, Moises, Saulo, Xitão e Harrieth que inúmeras vezes nos deram fôlego para continuar, além de histórias para contar e, sobretudo, serenidade para compreender nossas falhas e ausências.

Aos nossos novos amigos do curso de Jornalismo e da cidade de Mariana, que compartilharam conosco os prazeres e as frustrações cotidianas.

A todos os professores que passaram por nossas vidas e deixaram marcas em nossa formação como profissionais e seres humanos. Em especial nossas primeiras professoras Tia Iara e Tia Bidi, as quais lembramos com imensa saudade.

A todos os professores do curso de Jornalismo da UFOP, que tiveram a paciência e a delicadeza ao nos ensinar, e que se dispuseram a aprender conosco. Especialmente à nossa orientadora Hila Rodrigues, pela confiança, profissionalismo e amizade sincera.

Agradecemos aos professores, Cláudio Coração, Juçara Brittes, Rafael Drumond, Talita Aquino e Flávio Pinto pelas horas extras dispendidas nas orientações extracurriculares.

Ao poeta aldravista José Donadon pelas aulas de Semiótica, que propiciaram a aproximação deste grupo e tornaram nossas sextas-feiras mais românticas.

Ao professor Adriano Medeiros por ter nos despertado o amor pelo audiovisual e, principalmente, pela linguagem documental.

Aos projetos que participamos ao longo desses últimos anos, *NBN*, *Sujeitos e Suas Histórias*, *(R)existir é Preciso*, *Quintais* e todo o programa *Cultura e Resistência*.

Aos amigos que participaram diretamente do processo de construção deste trabalho, Carolina Minardi, pela ideia inicial, professora Maria da Consolação, por nos aproximar da comunidade haitiana, Luiz Loureiro, Nathan Henrique, Magno Guimarães, Bruno Andrade, Gabriel Conbê, Mayron Brito, Igor Mattos, Gabriel Luis, Talita Ferraz e Tátilla Lana.

Aos artistas que gentilmente cederam suas canções para nosso documentário, Matheus Santiago e Raphael Sales.

Ao Reuni, por permitir que a filha de um metalúrgico com uma dona de casa, e que também o filho de uma professora com um motorista, pudessem hoje se apresentar como Jornalistas.

E, principalmente, agradecemos a toda a comunidade haitiana da região de Belo Horizonte por ter tornado nosso trabalho possível, especialmente Phanel Georges, Angetona Dorgilus, Wisler Altidor, Joseph Bradley e Alex François, que compartilharam conosco suas histórias, contribuindo diretamente para a nossa formação humana e profissional.

“Na minha opinião existem dois tipos de viajantes: os que viajam para fugir e os que viajam para buscar”

Érico Verissimo

RESUMO

O objetivo deste produto é apresentar quem são e como vivem os haitianos que moram hoje no Brasil, mais especificamente aqueles que habitam a região metropolitana de Belo Horizonte (MG). São discutidos, nessa trajetória, os conceitos de identidade, alteridade e pertencimento, além das fronteiras geográficas e culturais que marcam o mundo. A ideia é entender, a partir desses elementos, como se dá o processo de migração e quais são as dificuldades e alegrias de se viver em um país estrangeiro.

Palavras-chave: Imigração; Haiti; Alteridade; Pertencimento; Documentário.

ABSTRACT

The purpose of this product is to present who are the Haitians who live in Brazil today, more specifically those who live in the metropolitan area of Belo Horizonte (MG), and how they currently live. In this trajectory, the concepts of identity, alterity and belonging are under discussion, as well as the geographical and cultural boundaries that mark the world. The idea is to understand from those elements how the migration process takes place and what are the difficulties and joys of living in a foreign country.

Keywords: Immigration; Haiti; Otherness; Belonging; Documentary.

SUMÁRIO

Introdução	9
Processos de migração	10
<i>A era do refúgio</i>	10
<i>Os indivíduos e o processo de migração</i>	11
<i>O Brasil no cenário migratório mundial</i>	13
Breve história do Haiti	14
<i>A revolução haitiana</i>	15
<i>O Haiti pós-revolução</i>	16
<i>Dominação ianque e a ditadura DOC</i>	16
<i>Golpes militares e a intervenção da ONU</i>	18
<i>Do terremoto à reconstrução</i>	18
<i>A estabilidade política</i>	19
Correlação de irmandade entre Haiti e Brasil	19
<i>Diferenças conceituais entre imigração e refúgio</i>	20
Por que fazer um documentário?	21
<i>Estrutura do documentário</i>	24
<i>A Trilha sonora</i>	25
<i>Imagens e enquadramentos</i>	26
<i>Roteiro e edição</i>	27
<i>Processo de produção e estratégias</i>	28
Relatos	29
<i>Reunião no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados</i>	31
<i>Primeiros contatos com as fontes</i>	31
<i>As entrevistas</i>	33
Desafios	37
Referências	40

Introdução

Previsto na Declaração Universal dos Direitos humanos, migrar é um direito, mas até onde esse direito é respeitado? Nos últimos tempos, boa parte da imprensa nacional e mundial tem dedicado espaços para mostrar os diversos aspectos da imigração e como países que recebem estas pessoas têm reagido a tal fenômeno.

No Brasil, são recorrentes os casos graves de xenofobia. Em 2018, os principais alvos são os venezuelanos que buscam refúgio em decorrência da grave crise política e econômica que se passa naquele país. O lamentável episódio em Pacaraima, em Roraima, é um dos diversos casos de violência contra imigrantes no país. Em anos anteriores, os alvos de discursos de ódio e violência foram destinados principalmente aos haitianos, que buscavam no Brasil uma saída para a grave crise humanitária que o Haiti sofre em decorrência do forte terremoto de 2010, seus desdobramentos políticos e socioeconômicos.

Entretanto, o Brasil sofre mesmo uma crise de imigração? As pessoas que vieram para o nosso país em busca de melhores oportunidades de vida conseguem realização? Como o discurso de ódio e a xenofobia afetam as vidas dessas pessoas no Brasil? Quem são e como estão os haitianos que migraram para a região de Belo Horizonte? O que ganhamos com o intercâmbio cultural com esses imigrantes, e como eles podem contribuir para o enriquecimento de nossa economia, da nossa cultura e nossa arte?

Sobretudo, outra aspiração importante é discutir as fronteiras linguísticas, culturais e sociais, o que nos aproxima enquanto latino-americanos e o quão distantes estamos na relação entre imigrantes haitianos e brasileiros natos.

Essas são algumas questões a serem exploradas e desenvolvidas a partir da construção deste documentário.

Processos de migração

A era do refúgio

Segundo o filósofo e historiador Tzvetan Todorov (2008), o século XXI se apresenta como a “Era do Refugiado”. Tal afirmativa pode ser evidenciada a partir das intensas mudanças que o mundo vem sofrendo e das crises humanitárias sem solução que se arrastam há décadas no planeta, como a fome na África e as guerras no Oriente Médio.

Contudo, a partir dos anos 2000, a situação, que já era preocupante, torna-se insustentável. Desastres naturais na Oceania (2004), no Haiti (2010), novos conflitos surgidos a partir da Primavera Árabe (2010), o agravamento das crises políticas na América Latina (2012) são alguns dos fatores que contribuem para que Todorov destaque a contemporaneidade como um período extremamente peculiar.

O século 21 se apresenta como aquele em que muitos homens e mulheres deverão abandonar seu país de origem e adotar, provisória ou permanentemente, o status de estrangeiro. Todos os países estabelecem diferenças entre seus cidadãos e aqueles que não o são, justamente os estrangeiros. [Eles] não gozam dos mesmos direitos, nem têm os mesmos deveres. Os estrangeiros têm o dever de submeter-se às leis do país em que vivem, ainda que não participem da gestão do mesmo. [...] Isto nos atinge a todos, porque o estrangeiro não é só o outro, nós mesmos o fomos ou o seremos, ontem ou amanhã, ao acaso de um destino incerto: cada um de nós é um estrangeiro em potencial. (TODOROV, 2008, s/p)

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), o fluxo de pessoas que migram de seus países tem aumentado na última década. Crises políticas, guerras, perseguições, desastres ambientais são alguns dos fatores que contribuem para esse aumento. Dados de 2018 revelam que o número de refugiados em todo mundo é de aproximadamente de 25,4 milhões e, com o agravamento dos conflitos na Síria, Afeganistão e Sudão do Sul, o número continua crescendo.

No Brasil, entre os anos de 2010 e 2015 ocorreu um aumento de 2.868% nas solicitações de asilo. Os principais grupos são compostos por Sírios, Venezuelanos, Cubanos, Angolanos, Colombianos, Congolese e Palestinos.

Contudo, com o aumento no número de imigrantes no país, o discurso de ódio e manifestações de preconceito e xenofobia tem acompanhado esse

crescimento. Em discurso realizado pela ONU no Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial em 2016, discursos políticos, pessoas públicas e a imprensa responsabilizaram migrantes, refugiados e estrangeiros, por problemas relacionados a crises econômicas e atos de terror nos países que os recebem.

Os indivíduos e o processo de migração

Além dos conceitos desenvolvidos por Todorov, os estudos de Stuart Hall (2009) e Kathryn Woodward (2009) e Silva (2005) se mostraram relevantes para abordar temas relacionados à cultura, identidade e alteridade. São conceitos essenciais para o entendimento de como a situação do estrangeiro pode impactar no cotidiano dessas pessoas, no processo de criação de novas identidades e, sobretudo, na maneira como elas se relacionam com o mundo em sua volta. Em a “Identidade Cultural na Pós-modernidade”, Hall afirma que o sujeito pós-moderno surge na era da globalização. Sendo assim, o contato direto com outras culturas e outras histórias transforma a identidade em algo híbrido e em constante mutação. A aplicação de Hall, no caso do imigrante, é extremamente simbólica, visto que o indivíduo passa a absorver as culturas e identidades do local de exílio e transformá-las a partir das suas experiências de vida em outros locais e em outros momentos.

Já a professora Kathryn Woodward desenvolve o conceito de identidade a partir das suas relações com a diferença. Segundo ela, a crise identitária vivenciada pelo mundo nos últimos tempos tem, como razões, além da globalização advinda do desenvolvimento tecnológico, a intensificação da migração dos trabalhadores ocasionada pelo capitalismo e pelo processo de crescimento de identidades sem pátria.

Neste momento histórico específico, as diferenças entre os homens são maiores que quaisquer similaridades, uma vez que o foco está colocado nas identidades nacionais em conflito. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças - neste caso entre grupos étnicos - são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares. (WOODWARD, 2009, p.11)

Nesse sentido, segundo Mozart Silva (2005), podemos entender a diferença como a responsável por construir ou reconstruir o conceito de alteridade, pois é ela quem define quem é o “outro”, passando a identificá-lo e hierarquizá-lo.

Outro conceito trabalhado durante a produção do documentário é o conceito de memória desenvolvido Japiassú & Marcondes e Pierrè Nora. Segundo Japiassú e Marcondes, a memória é “a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 183-184). Nora, por sua vez, define a memória como algo vivo, sujeito a mutações e reinterpretações:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. (NORA, 1993, p. 9)

Deste modo, é através das memórias de cada um dos imigrantes que a compreensão do que é emigrar é construída – nunca desconsiderando que essas memórias, assim como as identidades, não são dadas e acabadas. Elas certamente sofrem interferências de acordo com as novas experiências de vida no Brasil.

Por fim, para compreender como o discurso de ódio afeta a vida dos imigrantes em Belo Horizonte, os trabalhos desenvolvidos por Castro e Freitas e Silveira também foram utilizados. Em “Liberdade de expressão e discurso do ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão”, Castro e Freitas definem o discurso de ódio como sendo:

(...) a expressão do pensamento que desqualifica, humilha e inferioriza indivíduos e grupos sociais. Esse discurso tem por objetivo propagar a discriminação desrespeitosa para com todo aquele que possa ser considerado “diferente”, quer em razão de sua etnia, sua opção sexual, sua condição econômica ou seu gênero, para promover a sua exclusão social (CASTRO FREITAS, 2013, p. 344)

Já Silveira define o discurso de ódio como “qualquer expressão que desvalorize, menospreze, desqualifique e inferiorize os indivíduos. Trata-se de uma situação de desrespeito social, uma vez que reduz o ser humano à condição de objeto.” (SILVEIRA, 2007, p.80). A partir disso, torna-se possível trazer à luz relações sociais que evidenciam a distância entre nós e os outros, e como essa violência age sobre o indivíduo e o quanto ela dificulta a adaptação do estrangeiro.

O Brasil no cenário migratório mundial

De acordo com dados da ONU sobre os processos migratórios do ano de 2017, existem cerca de 750 mil estrangeiros no Brasil e cerca de 1,7 milhão de brasileiros vivendo no exterior. Portanto, em se tratando de balança de imigração, o processo migratório brasileiro é negativo: saem muito mais pessoas do país do que a quantidade de imigrantes que escolhem o Brasil para viver.

Fonte de dados do mapa: Seção de Informações Geoespaciais, Nações Unidas

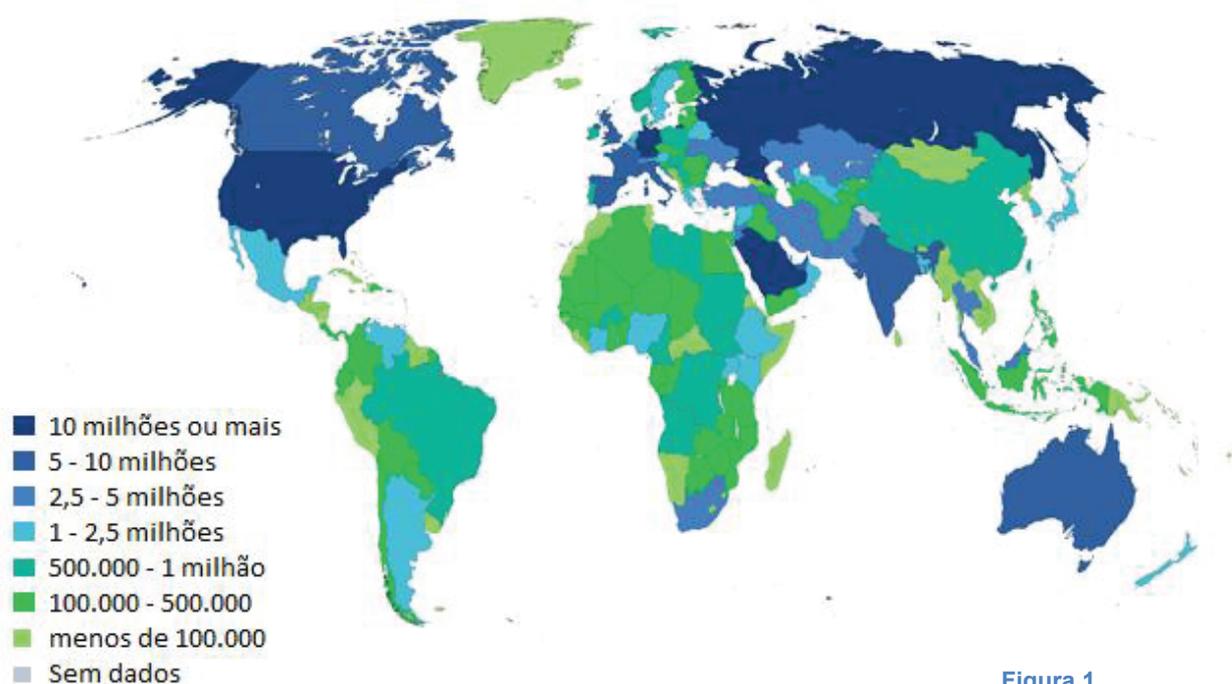


Figura 1

O Brasil ocupa a 59ª posição no ranking dos países que mais recebem imigrantes no mundo, atrás de Argentina (28ª), Venezuela (38ª) e México (42ª). Os estrangeiros representam cerca de 0,4% da população brasileira, um índice que coloca nosso país como um dos lugares menos atrativos para a imigração no mundo.

De acordo com o relatório de imigração publicado em 2017 do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UNDESA), em um universo de 246 territórios e países analisados, o Brasil empata em 231º posição com Afeganistão, Índia, Haiti, Honduras, Papua Nova Guiné e Ilhas Salomão.

Já de acordo com relatórios do governo federal, em 2016, o número de imigrantes haitianos no Brasil era de 49.581. O fluxo se estabilizou nos últimos anos.

Diante desses dados, é possível concluir que o Brasil não sofre de uma crise migratória, apesar das ondas de imigração que chegaram até aqui nos últimos anos, possuímos um território suficientemente grande em relação à quantidade de pessoas que chegam ao país.

Breve história do Haiti

A República do Haiti é uma ilha localizada no Caribe, em território chamado de Hispaniola, da qual também faz parte a República de Santo Domingo, único país com o qual o Haiti faz fronteira. Sua capital é Porto Príncipe e os idiomas oficiais são o francês e o crioulo. A moeda em circulação é o *Gourde* e o atual presidente é Jovenel Moise, eleito em novembro de 2016 pelo partido *Haitian Tèt Kale*.

Tratar da história do Haiti é mergulhar em conflitos, guerras, invasões estrangeiras, golpes políticos e militares, desastres naturais e resistência. A história oficial tem início com a chegada de Cristóvão Colombo em sua primeira viagem ao “Novo Mundo”, no final do século XV. Ao invadir o continente, chamou a ilha de São Salvador e, em seguida, denominou-a Hispaniola. Os povos nativos, conhecidos como *Tainos* ou *Lucaios*, foram totalmente exterminados em pouco mais de vinte anos de colonização europeia e, por isso, poucos são os estudos acerca deles na região de Hispaniola¹.

Os primeiros anos de colonização foram marcados por uma concentração na extração de ouro. Contudo, após o extermínio das populações nativas e o fim do mineral na região, a colonização espanhola entrou em declínio. Com a escassez do ouro, o cultivo de cana-de-açúcar passa a ser a principal atividade econômica da região e, com a ausência de mão de obra local, tem início, a partir de 1517, o tráfico

¹ Segunda maior ilha das Antilhas, compreende os territórios do Haiti e República Dominicana.

humano de africanos, que passam a trabalhar em regime de escravidão no Haiti pela coroa.

Em função da redução dos ganhos, os espanhóis passam a negligenciar a ilha e, com isso, a partir de 1625, o Haiti passa a sofrer forte influência dos franceses, que a chamam região de Saint-Domingue ou “Pérola das Antilhas” (por se tratar da colônia francesa mais rica naquele período). Neste momento, além dos grandes latifúndios de cana- de açúcar, o Haiti passa também a produzir café e algodão, o que inaugura o processo de degradação ambiental do país, que, de clima tropical, torna-se semiárido.

Após a chegada dos povos africanos no Haiti, a sociedade configura-se de maneira estratificada: a cor da pele passa a ser um determinante no processo de identificação de classes. Brancos e europeus são, em sua maioria, donos das grandes propriedades, ocupando o topo da pirâmide. Em seguida, estão os mulatos e crioulos que assumem, normalmente, os ofícios de comerciantes e profissionais liberais. Já na base da pirâmide, situam-se os negros escravos.

A revolução haitiana

Inspirado pelos ideais do Iluminismo e pela Revolução Francesa (1789), o Haiti foi protagonista do primeiro processo de Independência das Américas. A Revolução Haitiana, ou Revolta de Santo Domingos (1791-1804), foi um intenso período de rebeliões, revoltas e conflitos em que a população de escravos conseguiu tomar o controle das instituições locais e tornar-se independente da colônia francesa. Segundo Vieira e Assunção, em *A Crise no Haiti pós-independência, de 1804-1915*, o movimento traduz a importância da luta dos povos negros contra a dominação:

A Revolução do Haiti se transformou no maior movimento negro contra a dominação colonial, na América, pode-se colocá-la também em escala mundial. Pois, ao conseguir a libertação nacional, este movimento colocou em xeque inúmeras teorias existentes no período como, por exemplo, que os negros não poderiam autogovernar-se. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2006, p.2)

Liderados pelo ex-escravo Toussaint L’Overture e pelo religioso Dutty Boukman, a rebelião recebeu ofensivas das tropas francesas, inglesas e espanholas, que tentaram tomar controle da situação. Contudo, todas fracassaram.

No ano de 1801, L'Overture foi nomeado o primeiro governador do país recém independente.

O Haiti pós-revolução

Após o processo de independência, o Haiti sai do mercado internacional e concentra-se em uma agricultura de subsistência. Essa fragilidade econômica intensifica ainda mais a disputa pelo poder entre negros e mulatos. Segundo Vieira e Assunção, “[os conflitos] acarretarão, no futuro, frequentes golpes de estados, corrupção, fome, miséria, massacres e intervenções militares estrangeiras, que, assim, marcarão toda a sua história até os dias atuais” (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2006, p.1).

Para além dos conflitos internos, o reconhecimento internacional da sua independência vem somente após o pagamento de indenização – o que forçou o país a pedir auxílio financeiro aos bancos franceses, que, juntamente com Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos, passaram a manter relações econômicas com o Haiti, tornando o país cada vez mais dependente das economias externas. Segundo Andrade, em “A primeira ocupação militar dos EUA no Haiti e as origens do totalitarismo haitiano”.

As grandes potências da época, como Inglaterra e França, estavam voltadas contra eles, impondo um isolamento diplomático e comercial. A sobrevivência e prosperidade exigia o afastamento de possíveis intervenções externas no jovem país, esgotado por anos de guerras. Até por isso, as grandes potências buscarão, nas décadas seguintes, por todos os meios, isolar e esmagar o Haiti independente, temendo que seu exemplo semeasse rebeliões e se espalhassem por toda a América Latina. (ANDRADE, 2016, p.175)

Ao longo do século XIX, marcado pela grande instabilidade política, foram 22 os presidentes no Haiti – e somente um deles terminou o mandato regularmente. As classes políticas, cada vez mais divididas, não possuíam unidade e autonomia política e econômica para garantir o desenvolvimento do país.

Dominação ianque e a ditadura DOC

A partir do final do século XIX e início do século XX, o Haiti, mergulhado em conflitos internos, torna-se interessante aos olhos de grandes potências capitalistas como a Alemanha e os Estados Unidos. Em meio à propagação da Doutrina Monroe

*America for Americans*², o historiador Francisco Consentino, em *A dominação norte-americana na América Latina*, faz a seguinte análise:

O imperialismo norte-americano se volta inicialmente para a América Central, onde desloca o capitalismo inglês estagnado no seu desenvolvimento e incapaz de reagir à ação americana [...] Em 1901, depois da saída da frota britânica do Caribe os EUA através do Tratado de Hay-Pauefote garante todos os direitos de construção do canal do Panamá na região (CONSENTINO, 1986, p. 122)

A interferência ianque no Haiti tem início com a dominação do capital econômico e financeiro do país. A partir deste momento, os Estados Unidos passam a controlar o Banco Nacional e as alfândegas. Com isso, aos poucos, cultivam relações estreitas com políticos locais. Entre 1911 e 1915 o cargo de presidência se alterna entre seis pessoas. Além disso, uma série de assassinatos políticos e exílios forçados foram tomados pelos norte-americanos como argumentos para justificar a primeira ocupação militar da ilha.

Durante estes anos o regime estadunidense realizou uma espécie de ensaio de um programa de ajuste econômico. Aboliram da Constituição uma cláusula que proibia a aquisição de propriedades por estrangeiros, tomaram conta do Banco Nacional, reorganizaram a economia para assegurar o pagamento da dívida externa, expropriaram terras para suas próprias plantações e treinaram uma nova e brutal força militar. Imbuídos por uma política de autoproteção frente ao conflito da I Guerra Mundial, os EUA ocupam a Ilha como ponto estratégico nas Antilhas e lá permanecem por quinze longos anos, abrindo cada vez mais feridas profundas na sociedade haitiana. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2006, p.7)

Com a retirada das tropas americanas do Haiti, o país inicia seu processo de reconstrução. Contudo, em 1956, com ajuda do governo norte-americano e sob o contexto da Guerra Fria, François Duvalier, o Papa Doc³, é eleito presidente. A partir deste momento, instaura-se uma das mais sangrentas ditaduras da América Latina, com aproximadamente 60 mil mortos e mais de 15 mil desaparecidos. Esse regime

²Firmado pelo presidente estadunidense, James Monroe, no Congresso americano em 1823, a Doutrina Monroe: "América para os americanos" nasce em forma de manifestação contra as intervenções das grandes potências europeias nos países do Novo Continente.

³François Duvalier, o Papa Doc 1907-1971, foi médico, etnólogo e ex-ditador do Haiti. Enquanto médico, era tido como um homem afetivo, e por isso, foi apelidado de Papa Doc - Papai Doutor. Contudo, ao chegar ao poder em 1957, tornou-se um ditador extremamente vingativo. Entre diversas medidas, criou a guarda civil *Tontons Macoute* - os bichos papões. Censurou a imprensa, expulsou todos os bispos católicos do país, expropriou terras, matou e torturou milhares de pessoas. Ao final do seu regime, o Haiti tornou-se a nação mais pobre das américas e com a sua morte em 1971, foi substituído pelo filho *Jan Claude Duvalier*, o *Baby Doc*.

perdurou até 1986, quando seu filho e sucessor Baby Doc, é deposto pelos militares.

Golpes militares e a intervenção da ONU

Entre 1986 e 1990 a gestão do Haiti se dá a partir de uma sucessão de governos provisórios. Somente em dezembro de 1990 Jean-Bertrand Aristide é eleito presidente. Contudo, sua administração dura menos de um ano, até o país ser surpreendido por mais um golpe de estado promovido pelos militares. A ditadura militar se estende até 1996, quando, com ajuda dos norte-americanos, Aristide retorna ao poder e governa o país até 2003, quando, por pressões políticas, foge para a África. Entre 1990 e 2003 o país foi governado por 15 presidentes. Em meio à instabilidade política, a Organização das Nações Unidas (ONU) intervém no país, que, neste momento, é considerado pela ONU, uma neocolônia. Nesse período, ele é classificado como o país de menor PIB das Américas e um dos mais pobres e violentos do mundo.

Do terremoto à reconstrução

Em meio a tentativas de reconstrução do país, um terremoto, cujo epicentro aconteceu a cerca de 25 quilômetros de Porto Príncipe, foi registrado no dia 12 de janeiro de 2010, às 16h53 no horário local. Segundo dados sismológicos, o abalo alcançou a magnitude 7,0 na escala *Richter* e ocorreu a uma profundidade de 10 quilômetros.

Estima-se que o número de mortos tenha chegado a aproximadamente 300 mil haitianos e que outras 3 milhões tenham sido atingidas. O desastre natural abalou ainda mais a já frágil infraestrutura do país, que, nos meses posteriores, conviveram com surtos de cólera. No total, 112 representantes da ONU morreram no terremoto, entre eles o chefe da missão, Hédi Annabi. Outros 21 brasileiros perderam suas vidas também no desastre, entre eles a médica e sanitarista Zilda Arns⁴.

⁴Zilda Arns Neumann. 1934-2010, foi médica pediatra e sanitarista fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa, organismos de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No dia 12 de Janeiro de 2010, encontrava-se em Porto Príncipe, em missão humanitária, para introduzir a Pastoral da Criança no Haiti, quando o país foi atingido por um forte terremoto.

A estabilidade política

Entre 2004 e 2016 o Haiti foi governado por três presidentes. Os resultados das eleições de 2015 foram respeitados e o país, embora extremamente fragilizado, tenta se recuperar dos séculos de exploração, do terremoto de 2010 e do furacão de 2016, que deixou mais de 100 mortos e milhares de desabrigados. Segundo reportagem do jornal O Globo, de agosto de 2017, ainda hoje 40% da população haitiana é analfabeta e o país vive basicamente de doações estrangeiras e aproximadamente 90% do orçamento Haitiano provém de doações e dinheiro enviado pelos emigrantes, já que o país tem uma economia frágil.

Neste sentido, podemos afirmar que todo processo histórico do Haiti e os anos de exploração humana e desastres ambientais explicam a sua atual situação e as razões pelas quais a ilha está entre os países mais pobres do mundo como afirma Eduardo Galeano ao tratar da formação da América Latina.

A pobreza não está escrita nas estrelas, o subdesenvolvimento não é fruto de um obscuro desígnio de Deus. Correm anos de revolução, tempos de redenção. As classes dominantes põem as barbas de molho e, ao mesmo tempo, anunciam o inferno para todos. Em certo sentido, a direita tem razão quando se identifica com a tranquilidade e com a ordem. A ordem é a diuturna humilhação das maiorias, mas sempre é uma ordem – a tranquilidade de que a injustiça siga sendo injusta e a fome faminta. Se o futuro se converte numa caixa de surpresas, o conservador grita, com toda razão: “Me traíram”. E os ideólogos da impotência, os escravos que se contemplam com os olhos do amo, não demoram em fazer ouvir seus clamores. (GALEANO, 1978, p.9)

Deste modo, podemos observar que, enquanto latino-americanos, brasileiros e haitianos possuem histórias e traumas parecidos e embora os resultados de toda exploração colonial e imperialista tenham impactado de maneiras distintas em cada país, a violência, o extermínio dos povos nativos, a hibridação cultural e a resistência fazem parte da nossa identidade cultural.

Correlação de irmandade entre Haiti e Brasil

Embora a relação bilateral entre Brasil e Haiti tenha início em 1910, com a Assinatura de Convenção de arbitramento entre os dois países, os laços entre as duas regiões se intensificam a partir do ano de 2004, com a criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah).

Conforme Resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU⁵, a missão brasileira tinha, como tarefa, trabalhar para garantir a segurança da população haitiana durante o processo de redemocratização no país e assegurar as próximas eleições presidenciais.

Entretanto, após o terremoto de 12 de janeiro de 2010, a Minustah foi rearticulada e militares brasileiros permaneceram no país para auxiliar na reconstrução das cidades atingidas, bem como na manutenção da segurança local. Somente em novembro de 2017 a Minustah foi encerrada – o que se deu após a redução da criminalidade no país, as eleições presidenciais e a posse do atual presidente Jovenel Moise.

Neste sentido, é a partir do contato direto entre brasileiros e Haitianos, bem como do crescimento e da estabilidade econômica brasileira durante a primeira década dos anos 2000, que o Brasil passa a se tornar destino para migrantes haitianos que saem de seu país em busca de oportunidade para a reconstrução de suas vidas.

Diferenças conceituais entre imigração e refúgio

De acordo com a classificação do Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), migrante é: “toda pessoa que se desloque de país ou região geográfica ao território de outro país ou região geográfica”.

Ainda de acordo com o Acnur, podemos considerar como refugiado:

Pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. (ACNUR, 2018, s/p)

Embora tivéssemos usado o conceito de refugiado na elaboração do nosso projeto, a comunidade haitiana não está englobada na situação de refúgio, já que as razões para a vinda destes povos ao Brasil estão, prioritariamente, relacionadas a

⁵ A resolução 1542, de 30 de abril de 2004, foi a que instituiu a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah), criada para apoiar o governo de transição, mas, sobretudo, para assegurar um ambiente estável no Haiti, capaz de contribuir para o processo de reestruturação da região nos campos social, econômico, político e de segurança pública. A missão era constituída de militares, policiais, civis internacionais, voluntários das Nações Unidas e funcionários civis locais.

questões econômicas e aos desdobramentos dos desastres naturais sofridos na última década.

Devido ao grande fluxo imigratório de haitianos recebidos no Brasil após o terremoto de 2010, foi necessária uma revisão nas leis brasileiras de acolhimento ao estrangeiro, principalmente, porque não havia uma legislação que pudesse dar conta da situação de imigração haitiana, que se deu por razões de catástrofes ambientais.

Assim, no ano de 2012, foi criada uma resolução especial pelo CNlg(Conselho Nacional de Imigração) n. 97/2012 e a partir dessa resolução, para todo haitiano que chega ao Brasil era concedido um visto por razões humanitárias. O visto de imigrante humanitário tinha como principal função evitar burocracias e possíveis negações de visto, além facilitar o processo durante a aquisição de documentação necessária para que o imigrante pudesse exercer sua cidadania sem a necessidade de aprovação pelo CNlg.

Com a publicação do decreto nº 9.199, de 2017 que institui a Lei de Migração nº 13.445, houve uma alteração na lei de imigração humanitária. Se antes o imigrante poderia chegar ao Brasil e depois regularizar sua situação, atualmente o indivíduo haitiano só consegue o visto para entrar no Brasil, solicitando antecipadamente a documentação na embaixada brasileira em Porto Príncipe.

Tal alteração tem como objetivo segundo o governo brasileiro evitar que o imigrante chegue irregularmente, entretanto, esse processo dificulta a regularização do imigrante que já está no país sem os documentos uma vez que o decreto prevê uma punição dupla para essa situação, criminaliza a ausência de documentação e impede que o imigrante regularize sua situação enquanto aguarda extradição.

Por que fazer um documentário?

A escolha do grupo pela linguagem documental se dá pela natureza da linguagem, para além dos relatos dos haitianos que participam do projeto. O lugar de onde eles falam, o tom que utilizam e o reconhecimento imediato dessas pessoas são uma potência discursiva. Optou-se pela construção das narrativas através das vozes e discursos das pessoas entrevistadas, em uma tentativa de

trazer os aspectos diagéticos⁶. A intenção é aproximar ao máximo os espectadores dos entrevistados, valorizando a experiência do outro, como observa Silva:

[...] no documentário contemporâneo, a valorização da experiência do outro como vivência singular, irreduzível, faz com que voltemos os olhos e os ouvidos ao homem ordinário, às expressões individuais, aos enfoques particularizantes, às formas próprias de um indivíduo representar seu estar no mundo. (SILVA, 2013 p.17)

Essa vivência e essa valorização da experiência definidas pela autora é justamente o que esse trabalho busca. Apenas quem está em situação de migração pode dizer com propriedade sobre sua condição, sobre as influências de certos aspectos culturais e sociais e sobre como pode se dar essa inserção em outro universo, com códigos e costumes próprios e diferentes de suas experiências anteriores.

Já em relação aos aspectos éticos da obra, a preocupação do grupo é retratar estes protagonistas de maneira justa e digna, além de buscar aspectos que tangenciam suas subjetividades e identificar onde elas encontram espaço de manifestação em terra estrangeira, entendendo mais uma vez a potência da linguagem escolhida como elemento revelador dessas sutilezas e verdades não objetivas.

A linguagem da obra, portanto, está permeada dessas sutilezas. A ideia é encontrar dentro desses “homens comuns”, aquilo que nos aproxima na condição de seres humanos, aquilo que os difere e aquilo que os fazem seres únicos, donos de suas próprias histórias, na busca de um encontro com a identidade, para além dos números, origem, raça ou credo.

Ainda sobre a linguagem, a equipe optou, como ponto de partida, pela realização, em um primeiro momento, de um documentário inspirado no modo interativo, como descreve Silvio Da-Rin.

O *modo interativo* enfatiza a intervenção do cineasta, ao invés de procurar suprimi-la. A interação entre a equipe e os “atores sociais” assume o primeiro plano, na forma de interpelação ou depoimento. A montagem articula a continuidade espaço-temporal deste encontro e explicita os pontos de vista em jogo. Ao contrário de um texto impessoal em *off*, a voz do cineasta é dirigida aos próprios participantes da filmagem. A subjetividade do realizador e dos atores sociais é plenamente assumida. (DA-RIN, 2004 p.135)

⁶ Diageose refere-se à um conceito de narração cinematográfica onde os elementos que compõem a cena, como músicas e falas, pertencem ao espaço demarcado pela cena.

Em campo, a subjetividade destes atores sociais entrou em jogo e a construção da narrativa foi tecida tendo os realizadores como testemunhas da realidade destes indivíduos.

No prefácio de “Espelho Partido”, de Silvio Da-Rin, João Moreira Salles apresenta o que, segundo ele, é a lição mais preciosa da obra em questão: “nos ensinar a desconfiar do documentário que não revela seus mistérios”, alertar para o equívoco que é pensar “o documentário [...] como uma duplicação do mundo, uma imagem no espelho” e mostrar o quanto “a ingenuidade teórica de seus principais praticantes (mas não de todos) acabou impregnando grande parte da produção (mas não toda) de um caráter ilusionista” (SALLES *apud* DA-RIN, 2004, p.7-8). Tais afirmações parecem carregadas de sentido quando se considera a obra de Da-Rin.

O autor busca, através de uma perspectiva histórica, desmontar conceitos de neutralidade ou isenção dentro da linguagem documental, assim, o ato de testemunhar o que os indivíduos têm a dizer não isenta o documentarista de interagir de maneira imagética e poética sobre a experiência que essas vozes têm a nos dizer.

A escolha foi, portanto, a de conferir voz aos migrantes. O grupo entende que estes indivíduos precisam ser ouvidos e reconhecidos, e que esse caminho pretende dar espaço para o imigrante se colocar e colocar sua voz diante do opressor em busca de uma humanização, pois é essa a vocação do oprimido, como diz Paulo Freire.

É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação (desumanização), que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. (FREIRE, 1970, p.15)

Este documentário pretende encontrar justamente as vozes destas pessoas, socialmente oprimidas e que, por direito e vocação, devem ser ouvidas e tratadas

com respeito. A luta pela justiça, a força e a voz do oprimido são suas maiores armas no combate à covardia e opressão.

Estrutura do documentário.

O processo de estruturação do trabalho está intimamente ligado à forma como ele foi produzido – e toda a produção foi realizada através de um diálogo profundo e de construção de confiança entre realizadores e entrevistados. De um lado, havia a necessidade de acessar as fontes para que o produto fosse possível, e, de outro, a necessidade do estabelecimento de uma confiança entre entrevistadores e entrevistados para que o resultado fosse o mais digno possível.

Imigrar tem em sua natureza algo de traumático. A distância do país natal e a adaptação do estrangeiro a um novo lugar são experimentadas de maneiras diferentes pelos participantes desse processo. Tendo em vista o alto teor de xenofobia e racismo que recaí sobre os imigrantes – e, no Brasil, especialmente sobre os não brancos ou não europeus – conquistar a confiança era um processo necessário.

Considerando esses fenômenos, a qualidade e a profundidade das entrevistas, optamos por uma estrutura narrativa que valorizasse os discursos dos sujeitos. Em determinado momento, entendemos que esses discursos são urgentes para essa comunidade.

A escolha pela pluralidade de vozes na narrativa colabora na construção da ideia de comunidade, o grupo percebeu que a história a ser contada ultrapassava aspectos de um indivíduo, as pessoas precisavam estar na tela.

Outra questão considerada durante o processo de estruturação do documentário foi mesclar as entrevistas em locais privados e públicos, pois o sujeito inevitavelmente pensa e age de maneiras diferentes em cada um desses lugares. Enquanto o espaço privado propicia uma imersão do sujeito em suas subjetividades, o espaço público oferece o sentido de apropriação da cidade pelo sujeito e a integração dele com o local.

De uma forma geral, considera que o espaço público constitui um factor importante de identificação, que conota os lugares, manifestando-se através de símbolos e em segundo lugar, refere o espaço público como o lugar da palavra, como lugar de socialização, de encontro e também onde se manifestam grupos sociais, culturais e políticos que a população da cidade exprime.(NARCISO, 2009, p.166-167)

E em uma segunda rodada de entrevistas percebeu-se que algumas respostas só seriam possíveis em um ambiente mais protegido, onde o sujeito se sentisse mais acolhido e, assim, pudesse se aprofundar em outras questões de caráter mais subjetivo e pessoal.

A trilha Sonora

O elemento musical foi colocado na narrativa em conjunto com as fontes entrevistadas. As músicas surgiram durante os encontros e se encaixaram naturalmente na narrativa do documentário. Com poucas exceções, elas foram cantadas ou apresentadas ao grupo pelos haitianos e, de certo modo, a trilha apresentada no trabalho também dava o tom das entrevistas e festas.

Além das músicas diagéticas, quatro canções de dois artistas regionais foram acrescentadas para compor a trilha sonora do documentário. A abertura do vídeo trás “*Cerca de La Paz*”, é de Raphael Sales. Também é dele uma das trilhas de transição de bloco. Já nos créditos finais optamos pela música “*Giro*”, de Matheus Santiago, a quem o grupo também recorre ao inserir uma segunda composição em uma das passagens de bloco, logo no início do filme, quando os imigrantes falam da burocracia brasileira e das diferenças entre os Brasil e Haiti.

A escolha desses dois artistas obedece a alguns critérios específicos. Raphael Sales morou por muitos anos no bairro Petrolândia em Betim, local onde vivem diversos haitianos. Possui forte relação com a música mineira e, de maneira mais ampla, também com a música latina. O compositor estabelece grande vínculo com a Região Metropolitana de Belo Horizonte e explora bastante sua origem periférica em seus trabalhos. Foi nesta busca por uma identidade musical com a cidade e com o tema do documentário que, finalmente, a equipe encontrou a música que se encaixava de maneira adequada à narrativa proposta.

Já a escolha do artista Matheus Santiago para integrar a trilha sonora ocorreu após um reencontro com o músico. O grupo já conhecia o trabalho do compositor, mas o reencontro foi uma oportunidade de atentar para a canção “*Giro*”, outro encaixe muito adequado à narrativa construída até ali. Matheus Santiago é músico e jornalista, nascido no Ceará. Ainda na condição de estudante universitário, em Mariana, Minas Gerais, realizava viagens frequentes a seu estado de origem. As canções do seu primeiro EP, “*Votu*”, revela muito sobre os sentimentos de um

viajante ou de alguém em constante trânsito, assim como os personagens deste documentário.

Imagens e enquadramentos

Sob a perspectiva da imagem, as escolhas dos enquadramentos que ambientam e servem às transições do documentário foram construídas a partir de uma mescla espacial: ora um enquadramento amplo mais esteticamente trabalhado, ora experienciando os espaços das cidades, principalmente as divisas e fronteiras quase nulas da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Nesse sentido, Michel de Certeau inspira a partir da distinção entre diferentes tipos de perambulação, como observa França (2003):

Michel de Certeau distingue dois tipos de caminhadas pela cidade que revelariam modos distintos de apreensão e de olhar. O primeiro seria aquele que abandona o nervosismo das ruas preferindo o prazer de “ver o conjunto”, de superar, de ficar acima do corpo a corpo dos pedestres, graças a uma vontade de colocar-se à distância e ser um “olhar solar, um olho divino.” O segundo seria aquele que se insere na experiência dos caminhantes e é um caminhante, um pedestre, um passante, cujo corpo obedece aos entrelaçamentos de trajetórias, as alterações de espaços, propiciando uma estranheza constante do cotidiano (...) se o primeiro tipo de caminhada supõe “totalizações imaginárias do olhar”, o segundo constituiria uma experiência “esfarelada em deslocamentos, desvios e derivas”. (FRANÇA, 2003, P.55)

A escolha dos planos mais abertos pretendeu evidenciar as belezas e os obstáculos presentes em um território difuso, plural e caótico, de fronteiras geográficas imperceptíveis para os desconhecedores daquela realidade. Por outro lado, com a aproximação da câmera em relação aos pedestres, as sutilezas de outras fronteiras mais subjetivas se revelam com suas contradições – ora um local gentil e agradável, ora violento e indiferente.

A decisão reflete uma busca por outra Belo Horizonte – aquela mergulhada na região metropolitana e suas periferias – e uma forma de evitar obviedades, especialmente a partir de uma tentativa de aproximação entre a cidade e a experiência do grupo fundada nas vivências cotidianas dos entrevistados.

Roteiro e edição

As etapas de construção de roteiro e edição do material se deram a partir do resultado das primeiras entrevistas e captura de imagens. Foi somente quando a equipe sentiu que de fato conhecia um pouco dos sujeitos entrevistados que o processo de criação narrativa aconteceu.

A profundidade de algumas das respostas às perguntas colocadas impressionava. A equipe não sabia, até aquele momento, o quanto os entrevistados estariam dispostos a se abrirem nem o que esperar em relação ao que é o Haiti – aquela região que, no imaginário de grande parte das pessoas, é uma das mais pobres das Américas – um lugar que quase desapareceu por completo dos noticiários internacionais. A equipe não sabia o que esperar do Haiti real, vivido e narrado por haitianos que se encontram hoje em terras estrangeiras.

Durante a Festa da Bandeira, a equipe percebeu seu próprio – e profundo – desconhecimento sobre o Haiti. Por isso a opção por temas, ao invés de perguntas, pareceu oportuna, assim como Coutinho propunha em seus documentários, uma concentração no presente – como destaca Consuelo Lins (2004):

Contrariamente a reportagens e documentários que se aproximam do assunto com um saber estabelecido, Coutinho se concentra no presente da filmagem para dali extrair todas as possibilidades, e tenta, nesse movimento, se libertar de alguma maneira das ideias pré-concebidas que povoam, à revelia, nossas mentes. (LINS, 2004, p.2)

Assim, a partir das respostas registradas, optou-se por tematizar blocos no roteiro, para uma possível construção narrativa. Foi a partir dessas primeiras respostas que outras perguntas, um pouco mais fechadas, passaram a surgir. As entrevistas foram decupadas tendo em vista, então, não só os temas, mas as formas como eles apareciam. Foram considerados o tom de voz de cada resposta e o uso de gírias já apropriadas pelos imigrantes, por exemplo. Algumas situações de silêncio foram mantidas para que a reflexão entrasse no jogo discursivo.

A decisão de explorar esses momentos de silêncio e de formular ideias a partir desses instantes também carrega em sua origem uma tentativa de aproximação da abordagem proposta por Coutinho, posto que o desconhecimento sobre o Haiti pelos olhos de um haitiano forçou o grupo a buscar o “vazio” proposto pelo cineasta. Como destaca Lins (2004), trata-se da lógica das imagens e do dizer:

Contrariamente às informações telejornalísticas onde a lógica do texto em off é o que determina a edição das imagens e onde o silêncio e os tempos mortos de uma conversa não têm vez, aqui é a lógica das imagens e do que dizem ou deixam de dizer os entrevistados que pesa na construção das sequências. O que o espectador percebe é resultado de uma mistura de personagens, falas, sons ambientes, imagens, expressões, e jamais significações prontas fornecidas por uma voz off. Por isso a possibilidade de interpretações múltiplas é inerente à montagem desses filmes (LINS, 2004, P.2)

Portanto, manter as situações de formulações de ideias e os silêncios no filme, além de expor as contradições dos personagens, pareceu à equipe um caminho oportuno na tentativa de propor uma multiplicidade de interpretações.

Processo de produção e estratégias

A primeira tentativa de aproximação entre o grupo e a comunidade haitiana em Belo Horizonte aconteceu ainda em outubro de 2017. A decisão era primeiramente, falar com instituições que desenvolvem trabalhos de acolhimento de imigrantes e refugiados no Brasil. A escolha por entrar em contato com essas instituições foi no sentido de conferir algum respaldo legal aos imigrantes, a fim de garantir mais segurança quanto à participação no projeto.

Entre as principais instituições que desenvolvem esse tipo de trabalho, localizamos o antigo Centro Zanmi, atual Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), e o Curso de Serviço Social da PUC Minas, ambos em Belo Horizonte. Inicialmente, os contatos foram realizados por e-mails e telefonemas. Contudo, diversos fatores colaboraram para a demora no primeiro encontro, entre eles a disponibilidade da coordenadora do projeto de extensão: Direitos Sociais de Imigrantes Haitianos na Região de BH, Maria da Consolação Gomes de Castro.

Como os primeiros contatos foram realizados no final de semestre, a coordenadora do projeto, que também coordena e leciona no curso de Serviço Social da PUC Minas, estava impossibilitada de nos receber para uma reunião. O recesso de final de ano e o período de férias também foram grandes impedimentos para nós.

O Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados passava, na mesma época, por uma reestruturação e, devido a isso, a comunicação inicialmente não estava funcionando. Somente no mês de março de 2018 a equipe obteve um retorno da instituição. A distância também foi um grande dificultador e, por essas razões, o

grupo só conseguiu se reunir pessoalmente com as duas instituições em 23 de março de 2018.

Relatos

A primeira reunião com a professora Maria da Consolação Gomes de Castro aconteceu com a presença de duas bolsistas do projeto, que também auxiliaram a equipe ao explicar a situação desses imigrantes no país, mais especificamente em Minas Gerais. A reunião foi extremamente enriquecedora e construtiva, a começar pela boa recepção que tivemos. O ponto mais positivo, no entanto, foi a possibilidade do grupo de ampliar o entendimento e romper com algumas expectativas e preconceitos presentes desde o início do projeto. Talvez a questão que mais tenha se apresentado como desafio foi o entendimento das leis de imigração no país.

O projeto do documentário, até aquele momento, havia sido totalmente elaborado a partir das leis de acolhimento de cidadãos refugiados, o que foi totalmente desconstruído pela professora Maria da Consolação. Nesta reunião, também foi apresentada a pesquisa “Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral”, um trabalho realizado por ela sob a coordenação do professor Duval Fernandes. A pesquisa, publicada em fevereiro de 2014, traça o perfil da imigração haitiana no Brasil até aquele momento. No resumo da publicação, a pesquisa apresenta o caráter jovial do perfil da imigração haitiana:

Os principais resultados indicam que o grupo desses imigrantes é formado por pessoas predominantemente jovens, com idades entre 20 e 39 anos, em sua maioria com nível de instrução equivalente ao ensino fundamental incompleto. Para os que não têm visto de entrada para o Brasil, o trajeto feito acontece via redes de tráfico de imigrantes e em condições de extrema vulnerabilidade. Apesar de os imigrantes reconhecerem que a situação que vivem no Brasil é melhor do que a que vivenciavam no país de origem, as condições de trabalho e moradia não permitem poupar o bastante para manter um fluxo regular de remessas para as famílias no Haiti e indicam a necessidade do estabelecimento de um diálogo bilateral entre o governo brasileiro e o do Haiti para combater as redes de tráfico e fornecer informações aos candidatos à emigração sobre as condições de vida e trabalho no Brasil. (FERNANDES; CASTRO, 2014, p.3)

A reunião também foi fundamental para fortalecer a relevância deste projeto. O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) de 2017 revela que a população haitiana é a terceira maior a solicitar entrada no Brasil, atrás apenas de venezuelanos e cubanos. Minas Gerais tem relevância expressiva neste fluxo de

imigração, visto que o destino de grande parte destes imigrantes é a região sudeste. Em Minas, essa população está concentrada principalmente na capital Belo Horizonte e nas cidades de Contagem e Esmeraldas, ambas na região metropolitana.

Durante o ano de 2010 pequenos grupos de haitianos, que não somavam duas centenas de imigrantes, chegaram à fronteira brasileira com o Peru. Ao final de 2011 havia indicações da presença de mais de 4.000 haitianos no Brasil (COSTA, 2012; SILVA, 2013), número esse que não cessou de aumentar, sendo que ao final de 2013 estimava-se que o montante já teria ultrapassado a casa dos 20.000 imigrantes, com indicações de que o número total poderia chegar a 50.000 ao final de 2014. (FERNANDES; CASTRO, 2014, p.13)

O encontro proporcionou ainda uma ampliação da visão sobre as condições de vidas desses imigrantes no Brasil, visto que as informações disponibilizadas na grande mídia, em sua maioria, tratam do fenômeno da imigração de maneira controversa – o que, de certa forma, comprometia as pesquisas feitas até ali. Ao mesmo tempo em que parte da mídia hegemônica explora a situação humanitária dessas imigrações – o que, muitas vezes, traz a sensação de que estes imigrantes vivem em situações de calamidade –, outra parte trata destas pessoas como se elas fossem um grande problema socioeconômico.

Essa reunião também contribuiu para o esclarecimento de diversos pontos. A imigração é um problema social que deve ser observado e acompanhado por órgãos governamentais e sociedade civil. Procediam as impressões da equipe de que esses imigrantes eram vítimas de racismo, da exploração de mão de obra análoga à escravidão e da xenofobia no Brasil. Contudo, além dos canais de articulação de setores da Igreja e das universidades que trabalham na tentativa de diminuir estes problemas, esses sujeitos não são passivos no processo. Eles próprios se organizaram em associações para se consolidarem no país.

Durante a reunião, a equipe conheceu por nome dois dos entrevistados: o bacharel em direito e professor de francês. Phanel Georges e a artista e universitária Angetona Dorgilus. Imigrante haitiano, Phanel é presidente da associação *Kore Ayisyen*, Associação com sede em Contagem que, entre outras funções, promove festas e eventos de integração da comunidade haitiana na região de BH e auxilia os imigrantes em assuntos burocráticos e sociais, colaborando para a permanência destas pessoas no Brasil. Também foi possível conhecer a

estudante de serviço social e cantora Angetona Dorgilus, vice-secretária da mesma associação. Assim, o contato com o curso de Serviço Social foi fundamental para que a equipe fosse apresentada a esses haitianos.

A coordenadora do curso, Maria da Consolação, foi quem conversou primeiramente com os imigrantes e introduziu a ideia deste projeto. Foi ela também quem apresentou à equipe alguns aspectos culturais da comunidade haitiana, abordando, por exemplo, o festival de música e Festa da Bandeira do Haiti, ambas organizadas pela associação *Kore Ayisyen*.

Reunião no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados

A segunda reunião aconteceu no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados, uma instituição da Companhia de Jesus, que tem por objetivo acompanhar e defender migrantes, solicitantes de refúgio e refugiados no Brasil. O trabalho desta instituição busca a promoção da dignidade e dos direitos, acompanhando o processo de inclusão dessas pessoas na sociedade e no mercado de trabalho.

Diferente do programa de extensão da PUC Minas, onde o trabalho está direcionado a população haitiana, o SJMR fornece atendimento a imigrantes e refugiados de maneira geral. Na reunião, participaram o assessor de comunicação Vinícius Rocha e o Padre Agnaldo. Ambos apresentaram uma visão geral sobre o processo migratório e de refúgio nos últimos anos no mundo. Além disso, colaboraram muito com o detalhamento do perfil dos imigrantes haitianos, explicando o que os difere de outros imigrantes e refugiados.

Primeiros contatos com as fontes

Como já mencionado aqui, o primeiro contato da equipe com o imigrante Phanel foi por intermédio da professora Maria da Consolação. Iniciou-se um diálogo com ele via Whatsapp e também por e-mail. Inicialmente, Phanel se mostrou desconfiado, e não pareceu muito interessado em colaborar com o projeto – o que deixou a equipe bastante apreensiva, pois uma negativa dele poderia afastar os demais imigrantes.

Ele solicitou que lhe fosse enviado o projeto por e-mail para que pudesse ler. Caso se interessasse, retornaria o contato. Entre um contato e outro, explicou-se a ele o interesse da equipe em participar da Festa da Bandeira, que aconteceria em um local público, na cidade de Contagem. Phanel disse que a participação era

possível, desde que o evento não fosse gravado. Trata-se de um evento importante, como observa Ferreira:

Para os haitianos a principal festa de celebração da “identidade haitiana” é a Festa da Bandeira (...) ocasião em que é celebrada a memória da declaração de independência do Haiti ocorrida em 1804. Carregada e um conteúdo simbólico forte para os haitianos, a Festa da Bandeira coloca em evidência o orgulho dos negros haitianos que conquistaram a independência face ao colonizador branco, as cores da bandeira carregam, segundo dizem, o significado da insurgência dos negros face aos brancos, por esta razão que a cor azul, que representa os negros do país sempre deve aparecer acima da cor vermelha que representa os brancos (FERREIRA, 2017, p. 124).

Além do azul e do vermelho, a bandeira haitiana possui um brasão de armas, uma palmeira e a descrição do lema do país: “A união faz a força”. Para os imigrantes, onde há um haitiano sempre haverá a Festa da Bandeira. Sendo assim, este evento era crucial para nós.

A festa aconteceu no dia 20 de maio, um domingo no Parque Ecológico Thiago Rodrigues Ricardo, mais conhecido como Parque Ecológico do Eldorado. Garoava durante toda manhã, e o evento, que começaria por volta das 10h, atrasou um pouco. Além disso, os organizadores tiveram alguns problemas com o transporte que traria muitos haitianos para o encontro e, por isso, a maior movimentação ocorreu na parte da tarde.

Como aquele era o primeiro contato da equipe com as pessoas, decidiu-se que a oportunidade seria aproveitada para travar contatos pessoais e para apresentar e explicar a eles o projeto. A equipe chegou a levar uma câmera DSLR e um gravador, que, no entanto, ficaram no carro, já que havia a orientação de Phanel no sentido de que não fossem feitos registros audiovisuais. Ao chegar ao parque, a equipe, com a presença da professora Maria da Consolação, foi levada ao Phanel e à Angetona.

Devido à correria naquele dia, o grupo conversou muito pouco com os organizadores da festa. Mas graças à descontração do ambiente – e como muitas pessoas, tanto brasileiras quanto imigrantes, registravam a festa –, a equipe foi igualmente autorizada a captar algumas imagens. A qualidade das gravações é reveladora da improvisação naquele dia.

O evento foi uma experiência muito rica, pois o ambiente também ajudou a equipe a compreender um pouco o perfil do imigrante haitiano. Além disso, foi

também uma oportunidade para que o grupo conhecesse também um pouco da música e da gastronomia da Ilha. Durante a festa, a equipe pôde conhecer ainda outras pessoas fundamentais para o desenvolvimento do trabalho – entre elas, o jornalista Wisler Altidor e o *DJ Alex*, também haitianos.

As entrevistas

Após nos conhecer melhor durante o evento, Phanel se mostrou um pouco mais aberto ao projeto, contou que estava interessado na criação de uma rádio para imigrantes no Brasil, o que nos aproximou um pouco.

Por algumas vezes, pensou-se em construir um roteiro mais fechado. Antes da realização das entrevistas, o objetivo inicial do projeto era tratar do cotidiano e da apropriação que os imigrantes faziam da cidade de Belo Horizonte e região. Contudo, havia grande dificuldade para o estabelecimento dos contatos e, por consequência, para a criação deste roteiro, principalmente por não termos muita noção do que esperar das entrevistas.

Foram meses de negociação e qualquer deslize poderia colocar o trabalho em risco. Por isso, a decisão foi elaborar perguntas mais amplas para os entrevistados e, a partir das respostas, aprofundar em alguns questionamentos relacionados a temas como família, futuro, trabalho e saudades, entre outras.

Como Phanel era a chave para a entrada na comunidade haitiana, sua entrevista era fundamental. Para além da sua influência na comunidade, o desejo do grupo era saber as razões pelas quais ele se tornou referência de outros imigrantes no Brasil.

A entrevista aconteceu no jardim da PUC Minas, onde ele leciona francês. Entre as falas mais marcantes da entrevista, está aquela em que Phanel apresenta as três chaves fundamentais que gostaríamos de desenvolver desde o anteprojeto: alteridade, xenofobia e pertencimento.

Curiosamente, essas questões também transpassaram as demais entrevistas. Entretanto, tais reflexões não foram diretamente estimuladas pela equipe. A estratégia adotada foi trabalhar com temáticas, e isso possibilitou que as questões fossem levantadas por eles próprios. Somente depois que eles entravam nesses temas é que perguntas mais direcionadas sobre os assuntos eram introduzidas.

Outra questão bastante importante que guiou a equipe na construção do roteiro foi a reflexão que a fonte fez sobre as razões para migrar de um país para outro. Em uma das falas, Phanel deixa claro que as pessoas possuem um olhar muito direcionado e repleto de estereótipos sobre as questões do Haiti. Também contou que era muito comum que brasileiros o procurassem para falar sobre o terremoto, a pobreza e a situação econômica da ilha – o que ele interpreta como algo extremamente reducionista e limitado. Para Phanel, são diversas as razões para uma pessoa migrar de um país para o outro. A falta de recursos financeiros é apenas uma delas.

Essas reflexões atingiram fortemente a equipe, que se percebeu como parte desse grupo de brasileiros que se interessara pela questão do Haiti a partir da sua crise humanitária. De certa forma, esperava-se encontrar do outro lado sujeitos que pudessem ilustrar aquilo que se esperava ouvir.

A partir dessa entrevista, a equipe procurou evitar o tema do terremoto com as demais fontes. As perguntas nas demais entrevistas eram: “Por que sair do Haiti?” e isso proporcionou outras qualidades de respostas. Angetona, por exemplo, explicou que sempre quis conhecer outros lugares e que aumentar a chances de estudar era uma das principais razões para deixar o país de origem.

Nem Phanel nem Angetona mencionaram o terremoto como principal motivo da migração, embora a questão econômica permeie a decisão de mudar de país. Até aquele momento, somente o jornalista e correspondente Wisler havia afirmado que o terremoto teria sido a principal razão que o levou a sair do Caribe.

A escolha da segunda fonte, Wisler, deu-se após uma pequena conversa durante a Festa da Bandeira. A primeira característica do haitiano que chamou a atenção da equipe foi a aparência do haitiano. Vaidoso, Wisler gosta de ostentar correntes douradas, óculos escuros e relógios grandes. A figura, bastante simpática, fez com que a equipe se aproximasse para uma conversa.

Wisler se apresenta como jornalista, correspondente no Haiti, e mora no Brasil há cinco anos. Envia quase que diariamente para seu país matérias sobre a situação sociopolítica do Brasil e por isso acompanha bastante a situação política brasileira. A abertura de Wisler para o projeto foi rápida. Desde a primeira conversa, o jornalista se prontificou a conceder uma entrevista.

Embora o primeiro contato tenha ocorrido em maio, a entrevista aconteceu apenas no dia 30 de setembro. A conversa se daria no Parque Municipal de Belo

Horizonte, mas como naquela data havia grande possibilidade de chuvas na região, optou-se pela casa de uma amiga, no Centro de Belo Horizonte. A entrevista ocorreu ali, um dia após a passeata “Ele não”. Até aquele momento, não havia notícias do esquema de compra de informações e compartilhamento de fakenews contra o candidato Fernando Haddad, o que trazia certa expectativa e crença do entrevistado quanto à vitória do candidato petista no segundo turno, contra Jair Bolsonaro.

Wisler é casado, tem duas filhas. Uma delas mora no Canadá com a sua irmã e a outra no Haiti. Sua esposa veio para o Brasil, mas não se adaptou e decidiu voltar para o país de origem. Além do trabalho como correspondente, Wisler trabalha em uma empresa de refrigeração industrial. Embora tenha todos os documentos de jornalista validados no Brasil, conta que enfrenta grandes dificuldades de se inserir no mercado de trabalho na sua área de formação.

A terceira entrevistada foi a estudante, atriz e cantora Angetona. O interesse em tê-la no documentário teve início já nas conversas com a professora Maria da Consolação. Entretanto, o primeiro contato pessoal com a haitiana também só se deu durante a Festa da Bandeira. A equipe se encantou com o talento de Angetona para a música. Todavia, o processo de convencê-la a conceder uma entrevista foi longo.

Angetona é uma mulher de personalidade e se apresentou como uma mulher muito forte, além de se mostrar bastante desconfiada. Negou a entrevista por diversas vezes e só se mostrou mais receptiva depois da intervenção de Phanel, que garantiu a que a entrevista seria “tranquila”. Ainda assim, o diálogo travado nos jardins do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, local que ela escolheu e onde trabalha, foi extremamente desafiador. Enquanto Phanel e Wisler se mostravam abertos para uma conversa, Angetona era direta nas respostas e, por mais que as perguntas pudessem exigir alguma resposta ou reflexão mais ampla, já que a equipe trabalhava com palavras-chave, ela conseguia reduzir as respostas a poucas palavras.

Foi uma entrevista difícil de conduzir e, por diversos momentos, foi necessário mudar a estratégia da entrevista. De perguntas amplas passou-se a questões mais diretas. É difícil mensurar até onde a Angetona da entrevista é a Angetona da vida real. A linguagem corporal muitas vezes não parecia corresponder às palavras. Ao falar sobre saudade da sua família, por exemplo, é possível

identificar alguns detalhes no olhar que não necessariamente refletiam em suas respostas. Entretanto, tendo ou não sido ela mesma durante a entrevista, ou omitindo respostas para poupar uma superexposição, sua contribuição é inegavelmente essencial na construção da narrativa deste documentário.

O quarto personagem também foi elencado durante a Festa da Bandeira. A equipe ficou muito interessada nos ritmos e nas músicas haitianas e, por isso, solicitou a Phanel o contato com algum DJ. Phanel enviou o número de Whatsapp do DJ Alex e todas as conversas, até o dia da entrevista, aconteceram pelo aplicativo. Por três vezes um encontro foi marcado, mas, essas ocasiões, sempre cancelados – algumas vezes por motivo de trabalho, outras por questões pessoais.

Somente no dia 17 de novembro é que a equipe pôde conhecê-lo pessoalmente. O curioso é que, poucas horas antes da entrevista, outro rapaz haitiano fez contato, perguntando a que horas a entrevista se daria na casa de Alex. A equipe confirmou que estaria no local às 16h e indagou sobre a possibilidade de ele também estar lá na hora estipulada. O rapaz disse que sim e, deste modo, a equipe foi apresentada também há um segundo DJ, o quinto personagem: Bradley.

Moradores do bairro Petrolândia em Betim, os rapazes são jovens e parecem bem adaptados ao Brasil. A casa de Alex é um lugar simples e organizado. A equipe identificou o local por causa do som, que estava alto e revelava o ritmo haitiano. O som sempre ligado também era muito comum na casa de Phanel.

A música realmente é muito importante entre eles, e, segundo Bradley, é uma forma de matar as saudades do seu país. Assim como nas demais entrevistas, Alex e Bradley falaram bastante sobre a burocracia brasileira, sobre a dificuldade para a regularização da documentação dos imigrantes no Brasil – um processo sempre muito complicado e caro. Ambos estão no Brasil há mais de quatro anos e já retornaram ao Haiti para visitar familiares. Bradley tem um filho no Haiti, mas o sonho, assim como o de Wisler, é trazer a família para o Brasil.

Em determinado momento, Alex falou da situação econômica da ilha e das razões pelas quais não gostaria de voltar – pelo menos neste momento – para morar no Haiti. Novamente a questão do terremoto é levantada. Os DJs falaram muito sobre solidão. Ambos disseram que, no Brasil, as festas, o time de futebol e os encontros nos finais de semanas são formas de matar a saudade de casa.

Ainda durante a conversa, revelaram o desejo de criar um bloco haitiano para o Carnaval. Mas quando perguntamos se aquele desejo estava relacionado a algum

gosto especial pelas festas, responderam que não. “Gostamos mesmo é de trabalhar”. Alex fala com orgulho do tempo de serviço. Há exatos quatro anos e dois meses no Brasil, trabalha há quatro anos e um mês no mesmo emprego. Disse ainda que aprendeu o português sozinho e que a inteligência é uma das qualidades dos haitianos. Segundo ele, o povo haitiano não precisa frequentar a escola para aprender a ler ou escrever.

A música haitiana rendeu boa conversa. Os DJs mostraram alguns ritmos da ilha e, na medida do possível, tentaram associá-los aos ritmos do Brasil. Para eles, a *kompas* é o ritmo que lembra um pouco o forró brasileiro. Trata-se de uma evolução do *merengue* e realmente lembra o *arrocha*. A equipe também foi apresentada aos ritmos *jbeatz* e o *raboday*. Alex, a todo instante, enfatizava o quanto o brasileiro desconhece o Haiti e sua cultura.

Desafios

Da discussão da ideia inicial até a apresentação do produto foram dois anos de trabalho. No início, o desejo se pautou em uma conversa sobre a questão dos refugiados no Brasil com uma amiga, a historiadora Carolina Minardi. Após esta conversa, um dos integrantes da equipe testemunhou, ainda no ano de 2014, um episódio violento e xenofóbico contra dois haitianos.

A sensação de impotência diante da agressão testemunhada e o desejo da equipe de explorar o campo do audiovisual e a linguagem documental se transformaram na motivação para a escolha deste projeto. A partir daí, o grupo se colocou diante de seu primeiro grande desafio: encontrar e convencer pessoas a se exporem diante de uma câmera. Além disso, seria preciso assumir os custos da distância do projeto, já que essas pessoas residem a cerca de 100 km de Mariana.

Até aquele momento, era desconhecida a situação das fontes. Não se sabia se elas dominavam o português e se possuíam algum lugar de convergência, por exemplo. O grupo sabia da existência desses haitianos, mas desconhecia o tamanho ou o nível de organização dessa comunidade. Assim, o tempo despendido entre o esforço pelo estabelecimento do contato com as fontes e o momento em que elas optaram por falar diante de uma câmera foi longo – e demandou um árduo processo de conhecimento e convencimento. Esse processo envolveu, por exemplo, um trabalho intenso no sentido de conhecer projetos que trabalhavam com

imigrantes e, posteriormente, convencer alguns desses grupos a abrir as portas e dividir suas realidades na condição de imigrantes.

Outro hiato temporal se deu entre o primeiro contato com as fontes de fato e o momento de colher os primeiros depoimentos e imagens. Foi preciso conhecer e estabelecer uma boa relação com aqueles que trabalhavam com os imigrantes, mas não apenas. Também foi preciso, antes, olhar nos olhos dos haitianos e ir ao encontro deles, além de participar de alguns dos festejos com a comunidade. Isso levou o grupo a outro desafio: construir de fato uma narrativa com imagens – o que implicava conhecer bem os equipamentos disponíveis, suas limitações e a limitação técnica da própria equipe. Havia um número reduzido de pessoas envolvidas, o que levava os realizadores a cumprir, por vezes, duas ou três funções ao mesmo tempo.

O desafio da equipe revelou-se ainda maior quando se tornou evidente o fato de que aquelas pessoas eram extremamente reservadas e desconfiadas – e que, assim, poderiam simplesmente não aceitar falar diante das câmeras. Mesmo aqueles que concordaram precisaram de algum tempo para assimilar essa ideia. As mensagens enviadas a essas fontes pela equipe – a fim de marcar as entrevistas a serem gravadas – levavam dias para serem respondidas. Quando decidiam conceder as entrevistas, decidiam também a data e o local. Algumas vezes, a equipe precisou se mobilizar em viagens repentinas para Belo Horizonte, a fim de não perder a oportunidade da conversa. Em função dessa disposição oscilante das fontes, o projeto precisou se adequar à realidade delas. E não era fácil acompanhar esses sujeitos em seus cotidianos nem ter acesso às particularidades do perfil de cada um. Até porque, aos poucos, revelou-se também que os haitianos têm muito apreço pela sua intimidade, e merece ter tal direito respeitado.

No ano de 2015, quando a fotografia que venceu o Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos captura o banho de um haitiano em um mictório, essas feridas se tornam mais aparentes. Mas o compromisso com a ética no jornalismo e o respeito às fontes foi não só um desafio, mas um princípio adotado pelo grupo no decorrer do processo. Os corpos haitianos, negros, periféricos, indígenas, africanos – ou simplesmente os não europeus ou não brancos – geralmente são tratados como corpos pouco dignos de privacidade, direito ou respeito. Basta observar como as coberturas jornalísticas, filmes ou publicidade costumam tratar esses indivíduos.

O grupo não podia se colocar como mais um agente midiático nesse processo de exploração, muito embora, por vezes, esse pudesse parecer o caminho

mais apropriado para alcançar materiais mais impactantes e mais atraentes a um espectador acostumado com a exploração de uma estética que busca evidenciar a miséria. O papel do jornalista é ir além de evidências óbvias ou clichês habituais.

A equipe saiu modificada deste trabalho. Antes, o que mais se evidenciava aos olhos do grupo eram as fragilidades de uma comunidade, um melodrama saudosista do terremoto e das misérias cotidianas. Todavia, já na primeira entrevista com Phanel, tornou-se evidente o que aguardava a equipe: “A informação não chega às vezes do jeito que deveria chegar. Se encontra um haitiano aqui, já vai procurar o terremoto, ver as imagens do terremoto, procura o que precisa. Precisa sempre saber da pobreza do Haiti. Isso é o que a maioria das pessoas procura. Uma mentalidade inversa, ao invés de procurar o que tem de bom, felicidade, história, educação, a maioria procura o que tem de pior”.

As sucessivas negativas de Angetona diante das diversas solicitações de entrevistas também são resultados dessas investidas midiáticas que exploram as imagens dessas pessoas. Em função desse tipo de exposição, a equipe perdeu algumas possíveis entrevistas, mesmo quando não havia mais o interesse em aprofundar a discussão sobre temas tão delicados – e que reduzem o que é ser haitiano e o lugar que esse haitiano ocupa no mundo. O grupo havia compreendido a necessidade de colocar em evidência, sempre que possível, a situação do imigrante, a situação política e social e todas as mazelas ocasionadas pela desigualdade, tanto no Brasil quanto no Haiti. Mas compreendeu, igualmente, a urgência e a necessidade de romper com visões estereotipadas e de ampliar a maneira de olhar para o país e para essas pessoas.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Dados sobre refugiados no Brasil**. 2011. Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Dados sobre refugio no Brasil - Abril 2011a](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Dados%20sobre%20refugio%20no%20Brasil%20-%20Abril%202011a)> Acesso em 20 de janeiro de 2018.

ACNUR. **Dados sobre refugio**. 2018. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>> Acesso em 05 de novembro de 2018.

ANDRADE, Everaldo Oliveira. A primeira ocupação militar dos EUA no Haiti e as origens do totalitarismo haitiano. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, N^o. 20, p. 173-196, Jan/Jun., 2016. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/2492/2248>> Acesso em 20 de janeiro de 2018.

CASTRO, Matheus Felipe FREITAS, Riva Sobrado. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. **Sequência** (Florianópolis), n. 66, jul. 2013 p. 327-355, disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/seq/n66/14.pdf>> Acesso em julho. 2017.

CONSENTINO, Francisco Carlos Cardoso . **A Dominação Norte-americana Na América Latina**. 1986. Departamento de História da UFMG, Belo Horizonte, 1986. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572755387da24f738c4a98b5/1462195517155/10_Consentino%2C+Francisco+Carlos+Cardoso.pdf> Acesso em 20 de janeiro de 2018.

COSTA, Gelmino A. **Haitianos no Brasil**. IN: CUTTI, Dirceu. et al org. Migração, trabalho e cidadania. São Paulo, SP: EDUC, 2015.

DA-RIN, Silvio; **Espelho Partido: Tradição e Transformação do Documentário**, Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2004.

DEEPASK. **Confira a evolução do IDH - índice de desenvolvimento humano - no seu país - HAITI**: 2017. Disponível em: <<http://www.deepask.com/goes?page=haiti-Confira-a-evolucao-do-IDH---indice-de-desenvolvimento-humano---no-seu-pais>> Acesso em 20 de janeiro de 2018.

Discurso Tzvetan Todorov. Premios Príncipe de Asturias 2008. FPA Multimídia, 6'49". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GV-qu7VKwEM>> Acesso em Agosto 2017.

FABIO, André Cabette, Um mapa com o fluxo de refugiados durante 16 anos. **NEXO**, Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/08/Um-mapa-com-o-fluxo-de-refugiados-durante-16-anos>> Acesso em 20 de janeiro de 2018.

FERNANDES, Durval e CASTRO, Maria (orgs.). **Relatório. Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://obs.org.br/cooperacao/746-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral>>

FERREIRA, Daniel. Negritude e diferença no caso da imigração. **PÉRIPLO Revista de Investigación sobre Migraciones**, Brasília: Volume 1, Número 1/2017 P.118-125. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/issue/download/1787/540>. Acesso em 05 de novembro de 2018.

FRANÇA, Andrea. **Terras e Fronteiras no Cinema Político Contemporâneo**. 1ª ed. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2003.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**: trad. Galeano de Freitas, - 12º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org.); Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ITAMARATY. **República do Haiti. Brasília**: 2017. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5221-republica-do-haiti>> Acesso em 20 de janeiro de 2018.

JAPIASSÚ, Hilton MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LINS, Consuelo. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). **Documentário no Brasil - Tradição e Transformação**. São Paulo, Summus Editorial, 2004.

MIRANDA, André. No Haiti, missão da ONU chega ao fim com legado de ambiguidades. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/no-haiti-missao-da-onu-chega-ao-fim-com-legado-de-ambiguidades-1-21767810>> Acesso em 20 de janeiro de 2018.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro: Número 2/2009. P. 265-291 Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a02.pdf>>. Acesso em 05 de novembro de 2018.

NEXO, **Um mapa com o fluxo de refugiados durante 16 anos**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/08/Um-mapa-com-o-fluxo-de-refugiados-durante-16-anos>> Acesso em junho 2017.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, n.10. 1993.

SALES, Raphael. **Fundamental**. Interprete: Raphael Sales, Belo Horizonte, 2018. Independente.

SALLES, João Moreira, Prefácio da edição. In: DA-RIN, Silvio; **Espelho Partido: Tradição e Transformação do Documentário**, Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2004.

SANTIAGO, Matheus. **Votu**. Interprete: Matheus Santiago, Fortaleza, 2017. Independente

SANTOS, Virginia. Identidade e diferença. **Mandrágora** – Revista do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL da Universidade Metodista de São Paulo, Vol. 16, nº. 16. 2010, P.115. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/MA/article/viewFile/2030/2018>> Acesso em Julho 2017.

SILVA, Lorena. **Para além de Aylan Kurdi**: a imagem de tantos na fotografia do menino sírio. Projeto definitivo de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2017.

SILVA, Mariana Duccini Junqueira da. **Ponto de vista a(u)torizado: composições da autoria no documentário brasileiro contemporâneo**. 2013. 239f. Tese (Doutorado em ciências da comunicação) Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Mozart Linhares da. Identidade Cultural e alteridade: uma crítica ao essencialismo. In: V Fórum Nacional De Educação E VIII Seminário Regional De Educação Básica: Educação, Mídia E Valores, 5 ed., 2005, Santa Cruz do Sul. **Anais**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p. 200 - 212. Disponível em: <www.ceap.br/material/MAT06042013152712.doc> Acesso em Agosto 2017.

SILVEIRA, Renata Machado da. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Direito Público)–Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte: PUC-MG, 2007.

UNDESA. **International Migrant Stock: The 2017 Revision**. Nova York, 2017. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/data/UN_MigrantStockTotal_2017.xlsx>

VIEIRA, Jofre Teófilo e ASSUNÇÃO, Victor Fialho de. A Crise no Haiti Pós-independência, de 1804 – 1915. **Ameríndia**, Fortaleza: Volume 2, Número 2/2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/amerindia/article/view/1553>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DO(A) ORIENTADOR(A)

Certifico que o trabalho de conclusão de curso intitulado “**Fronteiras**” de autoria dos(as) aluno(as) Carmem Aparecida Silva Guimarães e Luiz Felipe Pereira, foi aprovado sem recomendações de alteração pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

Mariana, 19 de dezembro de 2018.



Prof.ª Hila Bernardete Silva Rodrigues